RUTA de la SALUD INDÍGENA AMAZÓNICA

Comunidade de Aprendizagem da Rota da Saúde Indígena Amazônica

Diálogo de saberes e principais reflexões da
Sessão 6: Saberes e resultados da Rota da Saúde Indígena Amazônica[1]

Conquistas da Rota da Saúde Indígena Amazônica

A interculturalidade como eixo transversal nos modelos de atenção à saúde

O trabalho de formação intercultural com promotores comunitários de saúde tem sido crucial para combinar a aprendizagem ocidental com os seus saberes ancestrais, o que tem ajudado as comunidades a melhorar a sua capacidade de reação a diferentes tipos de problemas de saúde.

Essa troca e formação intercultural de saberes entre a medicina ocidental e ancestral, e as práticas de cuidado com a vida, permitiram não apenas levar às comunidades algumas informações relevantes sobre questões de saúde até então desconhecidas; mas também facilitou a inclusão do conhecimento ancestral e local das comunidades no sistema formal de saúde, por exemplo, através do uso de plantas medicinais, como fonte primária de conhecimento que se conjuga com a medicina ocidental. Isso também possibilitou transformar a prática profissional do pessoal médico envolvido no trabalho promovido pela Rota.

- **Posicionar a medicina ancestral**

O projeto *Rota da Saúde Indígena Amazônica* gerou espaços de encontro para dialogar com os anciãos e anciãs dos territórios, valorizar saberes ancestrais e estendê-los às novas gerações, como é o caso da experiência da Confederação de Nacionalidades Indígenas da Amazônia do Equador (CONFENIAE) por meio do trabalho na horta com mulheres lideranças, o que lhes permitiu fortalecer seus conhecimentos para identificar plantas medicinais, valorizando esse conhecimento que foi fundamental na formação de promotores no Equador.

---

[1] Este documento é produto de um diálogo de saberes entre a Confederação de Nacionalidades Indígenas da Amazônia do Equador (CONFENIAE), a Federação do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD), o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), o Serviço Europeu de Ação Estrangeira, a Universidade Nacional de Madre de Dios (UNMAD), a Diretoria Distrital de Aguarico, Hivos e os promotores indígenas locais que participaram do projeto.

- **Melhorar o acesso à saúde nas comunidades**

Nas áreas de incidência do programa, foram posicionados os direitos dos povos e nacionalidades indígenas e seu acesso aos serviços de saúde. Essas ações permitiram preencher uma lacuna de oferta de serviços de saúde no âmbito territorial pois, historicamente, não houve apoio sustentado do Estado e tampouco cooperação voltada especificamente para questões de saúde intercultural.

Por outro lado, também foi possível capacitar as comunidades e organizações indígenas para atuarem nas questões de acesso aos serviços de saúde e seu papel nos determinantes de saúde[2]. Por exemplo, no Brasil, destaca-se como esse tópico, que antes era uma questão de competência exclusiva do Estado, foi abordado pelo projeto, também fortalecendo a apropriação desse trabalho pelas comunidades. Além disso, reconhece-se que esta não é apenas uma questão do Estado e das organizações indígenas, mas que deve ser abordada por múltiplos atores que cooperem de forma articulada.

- **Criação de novos vínculos e espaços de confiança**

A importância do diálogo e da construção participativa tem incentivado a criação de novos vínculos e espaços de confiança entre os diversos atores com quem trabalhamos. A Rota permitiu superar medos e desconfianças em relação aos profissionais de saúde no território.

Por exemplo, a nacionalidade indígena Siona, no Equador, reconhece que antes do projeto, havia desconfiança em relação às pessoas de fora do território, mas que graças ao trabalho realizado, obteve-se a aceitação do pessoal de saúde, através de uma maior interação entre os atores e a implementação da metodologia intercultural.

Além disso, promoveu-se uma maior aproximação e diálogo entre lideranças comunitárias e membros da comunidade sobre saúde e cuidado; e, a este respeito, sobre outros aspectos relacionados à saúde, como a defesa territorial, as mudanças climáticas e o papel dos determinantes sociais e econômicos na saúde.

- **Articular e construir pontes**

[2] É considerado como **determinantes de saúde** o conjunto de fatores pessoais, sociais, econômicos e ambientais que determinam a saúde de indivíduos ou populações. (Villar Aguirre, Manuel)

A *Rota da Saúde Indígena Amazônica* conseguiu gerar vínculos para conectar os territórios com as políticas públicas, apoiando a consolidação e geração de propostas para a implementação de modelos-subsistemas de atenção à saúde intercultural com visão e dimensão que considerem e integrem o local.

Nos países que fazem parte do programa (Brasil, Equador e Peru), foi realizada uma aproximação e articulação com diversas instituições governamentais centrais e locais dos Estados, facilitando o acesso a informações e recursos, entre outros.

No caso do Peru, um dos principais resultados do programa é a criação de redes interinstitucionais, por meio de um trabalho conjunto com a Direção Regional de Saúde (DIRESA), que permitiu inclusive que o movimento indígena apoiasse o fornecimento de insumos, bem como como um convênio entre a Federação Indígena do Rio Madre de Dios e Afluentes (FENAMAD) e a Universidade Nacional da Amazônia de Madre de Dios (UNAMAD). No caso do Brasil, conseguiu-se uma aproximação das comunidades do território com os órgãos oficiais de saúde estatais, alcançando maior aceitação, informação e compreensão do trabalho com os agentes públicos.

No Equador, foi gerado um vínculo importante com o Ministério da Saúde Pública (MSP), obtendo apoio técnico para diretrizes de vacinação para povos e nacionalidades indígenas, material de vacinação preparado pelas comunidades para uso de promotores e profissionais de saúde, vínculos interinstitucionais entre MSP, CONFENIAE e lideranças comunitárias para o modelo de telemedicina, além de fortalecer os serviços de saúde e o Centro de Conhecimento Ancestral.

As experiências e o trabalho de formação foram enriquecidos pelas trocas de conhecimentos interculturais entre os três países realizadas no âmbito da Comunidade de Aprendizagem, que ajudaram os promotores e outros atores a aprender com outras culturas e iniciativas a partir dos diferentes territórios onde a Rota é implementada.

- **Participação e reconhecimento da Rota da Saúde em espaços nacionais e internacionais, bem como outros espaços interinstitucionais**

A Rota esteve presente na agenda de distintos eventos nacionais e internacionais, como o **Prepared to Respond Forum: Lessons from COVID-19 for the Next Health Emergency (P2RF),** evento virtual organizado pela Fundação Bill e Melinda Gates. O fórum concentrou-se na pandemia de COVID-19 e na necessidade de estratégias mais eficazes e equitativas, e de sistemas de saúde resilientes, preparados para responder a uma ampla gama de emergências futuras.

Da mesma forma, em 14 de setembro de 2021, a Rota sediou a sessão "**Tecendo em várias cores: respostas interculturais de saúde à COVID-19 na Amazônia"**, na qual foram abordados os impactos da pandemia. nas comunidades indígenas do Equador, Peru e Brasil, a importância de contextualizar a saúde a partir de diferentes perspectivas, as lições aprendidas no processo de construção da Rota da Saúde Indígena Amazônica e os próximos passos para alcançar uma verdadeira interculturalidade nos sistemas de saúde para responder a emergências de saúde como a pandemia de COVID-19.

Por fim, participamos da **Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26) realizada em Glasgow, 2021**, possibilitando demonstrar que a interculturalidade é essencial para posicionar os direitos dos povos no centro dos sistemas de saúde, e que há UMA ÚNICA SAÚDE, que se constrói nos vários territórios. Portanto, a proteção da mãe terra é essencial para garantir a saúde e a vida de quem vive na Amazônia.

A Rota da Saúde Indígena Amazônica também faz parte do Catálogo ISLAC de Iniciativas Inovadoras para Mitigação dos Impactos da Pandemia de COVID-19.

Lições aprendidas

- É importante continuar construindo a noção de saúde para além da definição da Organização Mundial da Saúde, que não reflete o alcance de seu significado na diversidade cultural e territorial. O acesso real à atenção integral à saúde e a lógica da noção de saúde são muito mais amplos e devem ser construídos a partir dos atores do território.

- Não há saúde sem território. A saúde é construída no dia-a-dia através da população e a partir dos determinantes do território. A Rota da Saúde Indígena Amazônica reconhece que a saúde está totalmente ligada ao território, à natureza e ao tempo.

- Ferramentas de incidência como mapas interativos e cartilhas de determinantes de saúde na concepção e implementação de modelos de atenção mostram a importância de não focar apenas em uma lógica pautada somente na prestação de serviços de saúde.

- Nós não dominamos o tempo, muito menos em tempos de COVID-19. A pandemia mostrou que nem sempre teremos as condições ideais para implementar ações conforme o planejado. As condições climáticas, geográficas e de acesso somam desafios neste tipo de projeto. Além disso, as necessidades e demandas das populações em diferentes momentos devem ser consideradas.

- Implementar a tecnologia leva mais tempo do que pensamos. A qualidade da conexão, o acesso à e o nível de alfabetização digital são diferentes na Amazônia e nos fazem repensar sobre como influenciar as políticas públicas para reduzir essas lacunas.

- É fundamental valorizar, compartilhar conhecimento e desaprender. A Rota da Saúde tem promovido a importância de aprender a valorizar e compartilhar outros saberes, gerando novos saberes. Esse processo revelou a relevância de se desaprender e desestruturar alguns de nossos paradigmas, resultando em uma transformação baseada em uma história do conhecimento.

- O programa levou a uma mudança de percepção sobre como compreender a saúde como uma entidade isolada para, a partir daí, ampliar seu olhar para outros problemas e necessidades que estão intimamente relacionados à saúde, como direitos e defesa territorial em seus diferentes aspectos.

- As questões relacionadas à saúde devem ser trabalhadas a partir do nível local e construídas a partir da compreensão dos problemas e necessidades das comunidades e de sua população. É fundamental fortalecer o trabalho com as bases locais das organizações e sistemas de saúde para levar os problemas da comunidade aos estabelecimentos de saúde. Em relação a isso, é muito importante compreender como os povos vêm trabalhando os modelos de saúde, considerar seus conhecimentos e, a partir desse ponto de vista, construir de forma conjunta e articulada com o sistema público de saúde.

- A saúde é um direito que deve ser garantido não apenas no nível normativo, mas também na prática. Essa é a luta que deve ser travada, reivindicando a saúde como direito e eixo de vida.

Temas identificados pelos parceiros da Rota da Saúde Indígena Amazônica para serem trabalhados no futuro

- Continuar a desenvolver e melhorar o conhecimento local sobre a tecnologia.

- Continuar a formar promotores locais de saúde, alcançando mais pessoas nos territórios com os quais trabalhamos e replicando boas práticas nos territórios.

- Desenvolver estratégias de saúde, defesa territorial e integração de saberes com outras nacionalidades e povos indígenas dos três países.

- Continuar com o trabalho de fortalecimento das relações entre o Estado e os povos indígenas no âmbito da autonomia e autodeterminação dos povos indígenas.

- Sistematizar o processo de articulação conjunta no território entre sistemas locais de saúde, povos indígenas, setor público e universidades de formação intercultural.

- Trabalhar em questões de conectividade, alfabetização digital e comunicação com as comunidades e bases locais.

- Trabalhar nas zonas de integração fronteiriça, onde há um maior abandono estatal.

- Melhorar o acesso à saúde em locais remotos por meio da expansão dos serviços de saúde com recursos como a telemedicina.

- É necessário trabalhar para reduzir as lacunas de desigualdade nos determinantes da saúde para gerar mudanças estruturais.

- Articular o legado da Rota com outros atores e iniciativas que permanecerão no território.